



**Alberto Seixas Santos**

Alberto Seixas Santos, realizador, crítico, professor e um dos fundadores do Centro Português de Cinema, apresenta em competição no Festival de Berlim de 1975 a sua primeira longa-metragem, "Brandos Costumes", rodada entre 1972 e 1974, a partir de um argumento escrito em parceria com os escritores Luísa Neto Jorge e Nuno Júdice.

Antes, e após estudos de História e Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alberto Seixas Santos estuda cinema em Paris (1961/62), no Institut de Filmologie da Sorbonne, e em Londres (1963/64), na London School of Film Technique, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Entre 1958 e 1970, a par da actividade no ABC-Cineclube de Lisboa, é crítico de cinema em diversos jornais e revistas (Seara Nova, Imagem, O Tempo e o Modo, Diário de Lisboa, Diário Popular, Letras & Artes). Os seus primeiros filmes, duas curtas documentais, datam de 1968: "A Arte e o Ofício de Ourives" e "Indústria Cervejeira em Portugal", premiado no 7º Festival Internacional do Filme Industrial.

Ao mesmo tempo, e a nível institucional, começa a destacar-se a sua intervenção nas importantes mudanças que o cinema nacional sofrerá a partir da década de 60. Em 1968 é um dos redactores do relatório "O ofício do cinema em Portugal" que vai estar na origem da criação, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da cooperativa de cineastas independentes ligados ao movimento do Cinema Novo, o Centro Português de Cinema (1970), de que foi fundador e vice-presidente. E entre 1972 e 1974 é membro da Comissão Orientadora da Reforma do Conservatório

Nacional de Lisboa e, nessa qualidade, responsável pela organização e funcionamento da Escola Piloto de Cinema do Conservatório Nacional, hoje Departamento de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema. Exerce a função docente, nomeadamente como professor de História e Crítica de Cinema e de Teoria da Montagem, entre 1973 e 1977 e de 1980 a 2003, ano em que se aposenta.

Após o 25 de Abril de 1974, Alberto Seixas Santos participa em várias experiências colectivas. É um dos realizadores de “As Armas e o Povo”, rodado em 1974, que retrata a primeira semana de Revolução; e, em 1976, trabalha no filme colectivo “A Lei da Terra”, sobre o processo de reforma agrária. O filme produzido e realizado pelo Grupo Zero, cooperativa de cineastas de que é co-fundador, recebe uma Menção Honrosa no Festival de Leipzig de 1977. A sua longa-metragem seguinte, “Gestos & Fragmentos”, é realizada entre 1980 e 1982 e tematiza a relação entre os militares e o poder em Portugal. O filme participa no Festival de Veneza desse ano.

A par da docência na Escola de Cinema e da actividade na realização, Alberto Seixas Santos exerce outros cargos. Em 1977 e 1978, na Comissão Administrativa do Instituto Português de Cinema, primeiro como Vogal, depois como Presidente. E a partir de 1983, na Rádio Televisão Portuguesa, onde trabalha inicialmente como Consultor e, em 1985, como Director de Programas. Entre 1986 e 1989 será Director Adjunto de Programas, tendo à sua responsabilidade a programação do cinema.

Voltará à realização em 1992, com as longas-metragens “Paraíso Perdido”, presente no Festival de Bruxelas, e em 1999 com “Mal”, seleccionada para a competição oficial do Festival de Veneza desse ano. Em 2003 e 2005 fará uma incursão pela encenação teatral, respectivamente, com “O Caracal”, de Judith Herzberg e “Tão só o fim do mundo”, de Jean-Luc Lagarce, espectáculos produzidos pelos Artistas Unidos. Em 2003 escreve, com Catarina Ruivo, o projecto de longa-metragem “A Monte”, reescrito em 2005 com José Nascimento, que o virá a realizar em 2006 com o título “Lobos”. Ainda em 2005 realiza uma curta-metragem, “A Rapariga da Mão Morta”, presente no Corto/Cortissimo, do Festival Veneza e no 13º Festival Internacional de Vila do Conde.

Em 2007 o ABC Cine-Clube de Lisboa promove uma Retrospectiva integral da sua obra. A homenagem contou com a colaboração da Cinemateca Portuguesa e foi, entre outras iniciativas, acompanhada pela edição de um livro sobre a filmografia do autor e que recolhe análises e depoimentos sobre a sua vida e a sua obra, bem como uma selecção de textos sobre cinema que o próprio escreveu ao longo dos seus 50 anos de intervenção cultural e cinematográfica. A última longa-metragem de Alberto Seixas Santos data de 2011. “E o Tempo Passa” é o seu título.